A DINÂMICA BRICS: UMA ANÁLISE COMERCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA (2009-2024)

Giulia Thauane Conartioli (PIC/UEM), Gilberto Joaquim Fraga (Orientador). E-mail: gjfraga@uem.br. Helis Cristina Zanuto Andrade Santos (Coorientadora). E-mail: helis_czas@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Economia Internacional / Relações do Comércio; Política Comercial; Integração Econômica

Palavras-chave: Comércio Internacional; BRICS; Integração Econômica.

RESUMO

O presente estudo investiga as relações econômicas, comerciais e políticas do BRICS e sua atuação de 2009 a 2024. A metodologia combina abordagens qualitativa e quantitativa, analisando o fluxo Brasil-BRICS e o PIB do bloco de 2011 a 2023, além de análise bibliográfica-documental das Cúpulas. Os resultados revelam o crescimento das trocas brasileiras com o grupo de US$ 101,7 bilhões para US$ 146,9 bilhões, embora concentradas no mercado chinês (93,15% das exportações). Verificou-se também que o PIB dos BRICS atingiu 26,24% do produto global em 2023, sob liderança assimétrica de China e Índia. Observou-se a evolução das Cúpulas, a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) e a expansão de membros que consolidam o grupo como polo dinâmico. Concluiu-se que o BRICS opera entre reformas na ordem vigente e atuação contra hegemônica, garantindo expressivos superávits ao Brasil, frente a uma acentuada dependência comercial com a China.

INTRODUÇÃO

O termo "BRIC" foi apresentado pelo economista Jim O'Neill em seu trabalho *Building Better Global Economic BRICs* para destacar o potencial econômico de Brasil, Rússia, Índia e China no cenário internacional (O'Neill, 2001). Criado inicialmente em 2006, com sua primeira cúpula oficial em 2009 (Ecaterimburgo, Rússia), a aliança passou a incluir a África do Sul no ano de 2011, consolidando o acrônimo BRICS (BRICS, 2026). Desde então, o grupo tem ampliado significativamente sua relevância, representando cerca de 48,5% da população mundial e aproximadamente 36% da área territorial geográfica, além de participar de 24% das trocas comerciais mundiais (BRICS, 2026). O BRICS configura-se como aliança que impulsiona o fortalecimento e a diversificação comercial das nações emergentes (Santiago e Gajo, 2024), ao mesmo tempo em que se estabelece como um polo de contestação geopolítica e como uma potencial força contra hegemônica

frente à atual ordem mundial (Monteiro e Silva, 2013). Desse modo, o objetivo da pesquisa é investigar as relações econômicas, comerciais e políticas entre os países integrantes do BRICS, considerando sua atuação conjunta no cenário internacional, no período de 2009 a 2024.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota abordagem qualitativa e quantitativa combinadas. Utilizou-se dados do comércio de bens bilaterais entre Brasil e BRICS do Comex Stat (2025) para o intervalo de 2011-2023. Utiliza-se o Produto Interno Bruto (PIB) do grupo como indicador econômico entre 2011 e 2023, conforme fornecido dados o Banco Mundial (2026). O recorte comercial e econômico compreende o ingresso da África do Sul e precede a ampliação do bloco. No contexto político, a análise bibliográfica compreende o período de 2009 à 2024, desde sua Cúpula inaugural, a primeira ampliação do bloco, a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) até sua expansão mais recente. Os valores utilizados foram deflacionados em US$ dólares constantes para o ano de 2015 via *GDP Deflator* do Banco Mundial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No âmbito comercial, para analisar a dinâmica Brasil-BRICS, considerou-se os dados do Comex Stat (2026). Constatou-se que, o Brasil apresentou crescimento significativo nas trocas de bens com o bloco, passando de US$ 101,7 bilhões (2011) para US$ 146,9 bilhões (2023). Em 2011, o grupo representava 21,05% das vendas externas do Brasil, com cerca de US$ 56,5 bilhões e, apesar de algumas oscilações, a participação alcançou em 2023 US$ 90,1 bilhões nas exportações, o que representa participação relativa de 32,97%. Em relação às importações, em 2011, o BRICS representava cerca da 18,74% do total das importações brasileiras, movimentando US$ 45,2 bilhões e, em 2023, as importações provenientes da aliança atingiram a marca de US$ 56,8 bilhões, o que representa 29,34% em termos relativos. Ademais, os dados evidenciaram a China como principal destino das exportações e origem de importações brasileiras em 2023, com 93,15% e 75,28% respectivamente. No que tange ao saldo da balança comercial Brasil-BRICS, observou-se que a mesma se manteve positiva saindo de US$ 11,3 bilhões (2011), para US$ 33,3 bilhões (2023).

Na esfera econômica, levou-se em consideração os dados acerca do PIB informados pelo Banco Mundial (2026). Em 2011, os BRICS apresentavam um PIB de US$ 13,5 trilhões, representando 19,95% do PIB mundial. Já para o ano de 2023, a aliança representou 26,24% do produto global, cerca de US$ 24,7 trilhões, um aumento de 83,49%. Desse total, a China assume o primeiro lugar com 18,72%, seguida da Índia (3,41%), Brasil (2,08%), Rússia (1,64%) e África do Sul (0,39%). No período de 2011 a 2023, o crescimento também foi destaque da nação chinesa (108,64%), acompanhada pela Índia com 98,37%. Quanto à Rússia, África do Sul e Brasil, verificou-se um crescimento de 18,44%, 13,17% e 10,74%, respectivamente.

Na dimensão política, os BRICS evoluíram significativamente, desde o foro de

cooperação fundado por governantes em 2009, através de suas sucessivas cúpulas. A primeira ocorreu na Rússia, em 16 de junho de 2009 (BRICS, 2026) e colocou em discussão a reforma das instituições financeiras internacionais e a maior representatividade dos países emergentes. A III Cúpula de Sanya, na China, de 14 de abril de 2011 (BRICS, 2026), consolidou o bloco com a adesão da África do Sul e reafirmou demandas por reformas no Conselho de Segurança da ONU. Em julho de 2014, o Brasil presidiu a Cúpula de Fortaleza que institucionalizou o bloco com a criação do NBD, com capital autorizado no valor de US$ 100 bilhões, capital inicial de US$ 50 bilhões e do Arranjo Contingencial de Reservas (ACR) de US$ 100 bilhões (BRICS, 2026). A criação do Novo Banco de Desenvolvimento simbolizou uma alternativa aos organismos financeiros tradicionais. A XV Cúpula em Joanesburgo, em 23 de agosto de 2023 (BRICS, 2026), convidou para o bloco seis novos membros (Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos), dos quais apenas a Argentina declinou. Assim, a partir de 1° de janeiro de 2024, o bloco ampliou sua capacidade de atuação em foros multilaterais e posicionando-se como potencial força contestatória à ordem internacional.

CONCLUSÕES

Em síntese, a organização do BRICS vai além das parcerias comerciais, operando também como uma parceria econômica, com instituição financeira própria, e como ator político na reconfiguração da governança global. A análise das três dimensões demonstra que o bloco se posiciona entre duas estratégias: complementar a ordem vigente (mediante reformas em instituições multilaterais), e configurar-se como força emergente capaz de questionar a hegemonia estabelecida. Para o Brasil, a participação no BRICS oferece oportunidades de ampliar mercados, diversificar parcerias econômicas e aumentar seu protagonismo internacional. Entretanto, a forte concentração comercial com a China, sugere uma maior necessidade de estratégias mais equilibradas. No plano econômico, o peso do bloco é evidenciado por sua participação no PIB mundial, embora, novamente, de forma assimétrica liderada pela China. Politicamente, a evolução das Cúpulas desde 2009, a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) e a expansão de membros consolidam o grupo como polo alternativo de poder. Dessa forma, o presente estudo dos BRICS, evidenciou implicações na dinâmica que demandam planejamentos mais equilibrados e que visem a correção ou diminuição de assimetrias comerciais, ainda que a inserção do Brasil no bloco gere saldos comerciais positivos e amplie sua representatividade frente aos organismos internacionais.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **GDP (constant 2015 US$)**. Washington, DC: World Bank, 2026. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD. Acesso em: 29 ago. 2026.

BRICS. **BRICS Brasil**. 2026. Disponível em: https://brics.br/pt-br. Acesso em: 29 ago. 2026.

COMEX STAT. **Sistema de estatísticas de comércio exterior**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, 2025. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br. Acesso em: 29 ago. 2026.

MONTEIRO, M. R. M.; SILVA, R. C. F. L. e. A ordem mundial e o BRICS: uma formação contra-hegemônica? **Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 135-154, jan./jun. 2013. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64735. Acesso em: 29 ago. 2026.

O'NEILL, J. **Building Better Global Economic BRICs**. Londres: Goldman Sachs Research, 2001. Disponível em: https://www.goldmansachs.com/insights/goldman-sachs-research/building-better. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTIAGO, J. M.; GAJO, F. F. S. A importância do bloco econômico BRICS para a economia brasileira. In: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 16.; SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IFSULDEMINAS, 13., 2024, Carmo de Minas. **Anais eletrônicos [...]**. Carmo de Minas: Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, 2024. Disponível em: https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/2244/1751. Acesso em: 28 ago. 2026.